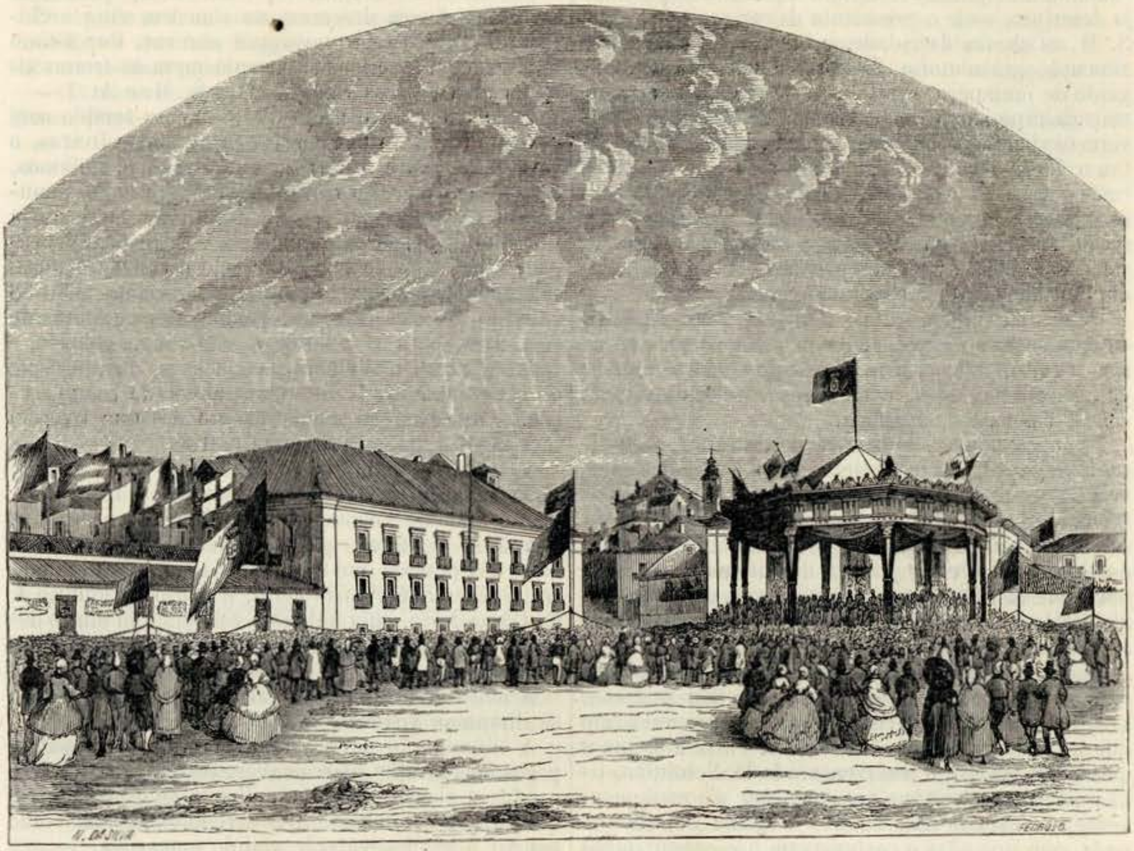


Recepção de S. M. el-rei na cidade de Setubal — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

A pag. 65 d'este volume felicitámos já a patria de Bocage pela sua elevação á categoria de cidade, quando desenhámos e descrevemos o seu notavel monumento de architectura manuelina, o convento de Jesus de Setubal.

Hoje voltâmos a esta florescente povoação, para dar a nossos leitores duas vistas dos improvisados monumentos que os habitantes d'aquella cidade levantaram, no caes e na praça dos paços da camara, para festejarem a visita que S. M. el-rei se dignou fazer-lhes no dia 2 do corrente, no regresso á capital da viagem que fez na provincia do Alemtejo.

Ao natural amor que os portuguezes sempre tivemos aos nossos reis, os cidadãos de Setubal juntavam agora os testimunhos da sua gratidão, por ter sido D. Pedro V o que lhe conferira a categoria que de direito pertencia áquella terra desde muitos annos.

E foi assim que tanto a camara municipal, como as principaes pessoas e auctoridades da cidade, se desvelaram em preparar ao augusto visitante, uma recepção digna da memoria que d'ella fazemos n'estas paginas.

Para dar as boas vindas e hospedar ao seu monarcha, galeou a nova cidade todas as pompas de que se atavia o respeito, o alvoroço e a alegria.

Ao longo da extensa praia que banha o Sado, se prolongava uma alterosa aléa de postes coroados de tropheos bicolores, encadêados de festões de loiro e murta, tremolando nos topes a bandeira nacional, muitas flammulas e galhardetes de matizadas côres. Ao centro, para o caes, se erguia um airoso pavilhão de oito columnas da ordem corinthia, forrado de seda escarlate e branca, todo atapetado e embandeirado. Era este pavilhão destinado para a camara municipal fazer a entrega das chaves a S. M. e dirigir-lhe a allocução de estilo.

Á entrada da praça do Sapal, que é a dos paços do concelho, se levantou um arco triumphal de dezesete metros de altura, tendo no fecho para a parte do mar as armas de Portugal, e para a de terra as de Setubal.

Em volta d'esta praça egual embandeiramento ao da praia, e ao centro um kiosko para coreto da philarmonica «Momentanea». Todas as janellas estavam armadas com cortinas de damasco encarnado, e colchas da mesma tela. As ruas principaes areadas, e muitas das janellas tambem armadas.

Os paços do concelho estavam egualmente adornados com elegancia, e na sala grande, armada de purpura, posta a mesa para servir-se a refeição que a camara offerecia a S. M.

O palacete de D. Francisca de Amorim e Silva foi destinado para a pousada del-rei e da sua comitiva. Mobilou-se e adereçou-se com elegancia e riqueza.

No dia 2 do corrente chegou el-rei com seu augusto irmão o infante D. João, na galeota real, ao

caes de Setubal, onde o esperavam a camara municipal e as demais auctoridades locaes, assim como o governador civil de Lisboa. Recebido debaixo do pallio, conforme o estilo antigo (que deve ser abolido como foi o beijamão) se dirigiu o prestito ao pavilhão já descripto, onde o presidente da camara entregou a S. M. as chaves da cidade, e lhe dirigiu uma breve allocução gratulatoria. D'aqui se encaminhou, seguido de innumeravel concurso de povo, entre acclamações repetidas e sob torrentes de flores que choviam das janellas, para a egreja de S. João onde se cantou o *Te Deum laudamus*. D'alli saiu com o mesmo cortejo para os paços do concelho, onde S. M. e A. se dignaram acceitar a collação que a camara lhe offereceu, sendo convidados para a mesa real as auctoridades locaes, e algumas pessoas notaveis da cidade. Ao todo trinta e seis talheres.

Depois da comida sairam a cavallo para a pousada que se lhes destinára, assim como as pessoas do seu sequito, indo os vereadores da camara municipal, as auctoridades, e muitas pessoas notaveis da cidade nas suas carruagens.

Passados poucos momentos de descanço, saiu el-rei a visitar alguns estabelecimentos e edificios notaveis de Setubal. Do aceio e boa organisação do hospital da misericordia se mostrou muito satisfeito. No lyceu municipal se demorou a inquirir sobre o methodo dos estudos e frequencia dos alumnos. E ainda novo este instituto, mas acredita muito o zelo da municipalidade em propagar a instrucção da juventude setubalense.

Onde, porém, mais se deteve foi na contemplação e exame do convento edificado pelo seu poderoso avô, el-rei D. Manuel, riscado pelo mesmo architecto que levantou o mosteiro de Belem. Fazia 260 annos que o rei bellico, o malaventurado D. Sebastião, tinha estado, pela ultima vez, na grade d'aquelle convento, recebendo das madres o mimo de *um pão mole*, com que ellas o costumavam presentear quando lá ia visital-as.

Havia o reverendo capellão das religiosas, e generoso conservador d'aquelle monumento, o padre Francisco José Ferro Estrafaz, mandado ornar o templo, á sua custa, para receber dignamente o augusto chefe do estado. Toda a egreja estava ricamente armada; no altar-mór, da parte do evangelho, se levantou o throno com o genuflexorio para S. M. fazer oração. O espaldar e docel eram de veludo escarlate bordado de lhama, sendo o fundo do docel formado de uma preciosa alcatifa antiga, bordada de matiz. Aos lados das cadeiras do throno estavam dois formosissimos anjos, um dos quaes offerecia a el-rei uma corôa, e o outro um sceptro. No topo do espaldar estavam debuxadas as armas del-rei D. Manuel, o fundador do convento.

Depois da oração, desceram S. M. e A. do throno, para ir ver o templo, e os primorosos quadros attribuidos a Grão Vasco, cuja lista publicámos já a pag. 92 d'este mesmo volume.

D'alli foram os augustos visitantes ver o interior do convento, sendo recebidos, á portaria, pela communidade. Ajoelhando todas as religiosas para beijar a mão a S. M., não o consentiu el-rei, dizendo christãmente, que alli, na clausura das virgens do Senhor, era simplesmente Pedro.

Como estivessem todas as freiras com os véos caidos sobre o rosto, segundo manda a sua regra, para que as não vejam olhos mundanos, S. M. perguntou affavelmente á abbadessa se as não affligia estar muito tempo com o rosto coberto, e se era permittido levantarem os véos. Respondeu a prelada que o podiam fazer na presença e com ordem de S. M.; e desejando el-rei gozar d'esta regalia, todas as religiosas levantaram os véos, e assim se conservaram durante todo o tempo da real visita, que principiou pelo côro, onde estavam já, na capella do Santissimo, duas almofadas para os augustos principes fazerem adoração ao Sacramento.

Passaram ao dormitorio, enfermaria, quadras e sacristia; depois desceram ao claustro, cuja architectura gothica tem muito que admirar. Por ultimo entraram no refeitorio, em cuja mesa as freiras tinham uma mimosa refeição para S. M. e A.

Todo o ornato e aceio d'este famoso templo correu por conta do benemerito capellão das freiras, o reverendo padre Estafraz, que, como já notámos, tem sido o officioso conservador d'este bello monumento de architectura, que devêra ter merecido a attenção dos poderes publicos. A este respeitavel ecclesiastico se deve não estar hoje o convento quasi inhabitavel, porque, tendo-lhe o terremoto de 1858 causado grandes estragos, gastou alguns contos de réis, seus, para os reparar. A este amigo, zelador, e reparador dos monumentos nacionaes, deve o chefe do estado dar um testimunho publico de remuneração, para exemplo e incitamento dos que tiverem taes brios e amor das glorias patrias.

Ás 5 horas voltaram S. M. e A. á sua pousada, onde acharam o serenissimo infante D. Luiz, que, regressando de Angola, fôra alli abraçar seus irmãos. Seguiu-se o jantar, para o qual S. M. convidou, além das pessoas que o tinham já sido para o almoço, o reverendo vigario geral, o douto antiquario J. da Gama Xaro, cuja noticiosa conversação muito deveu ter aprazido a S. M. que tanto preza os homens de letras.

Á noite houve recepção no paço; e toda a cidade se illuminou vistosamente.

A illuminação da praia, a da praça do Sapal, e paços do concelho, derramavam torrentes de vivissima luz e alegria sobre os milhares de espectadores, que de toda a cidade e dos arredores tinham vindo assistir a tão festiva recepção do monarcha.

Excitavam ainda mais a alegria publica, os sons instrumentaes das philarmonicas «Momentanea e Permanente», que durante a illuminação, e alternadamente, estiveram tocando nos seus elegantes coretos. Concluiu-se o festejo com um brilhante fogo de artificio.

No dia 3, pela manhã, regressou el-rei para Lisboa, no caminho de ferro do sul, deixando uma avultada esmola aos recolhimentos pobres e ás familias mais necessitadas de Setubal.

O nosso distincto desenhador, o sr. Nogueira da Silva, que assistiu a todas estas festas, tirou, a olho, as duas vistas que hoje apresentâmos. A primeira é da praia onde se levantou o pavilhão real; a segunda é da praça dos paços do concelho.

A machina photographica não as tirava com mais fidelidade.

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 274)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

XV

DE COMO O SR. CAPITÃO-MÓR SE FEZ DIPLOMATICO E SE DEITOU A POLITICO

Depois de algumas hesitações e reticencias, o honrado fidalgo de Val-de-mil entrou francamente no assumpto.

— V. ex.ª permitte-me que lhe diga tudo? — ponderou.

— Aqui, tudo — redarguiu o veterano.

— Presumo que adivinhou parte.

— Talvez. Pelo menos as informações que me deu

o meu amigo Mariz fizeram-me entender que melhor seria encontrarmo-nos por estes suburbios, do que recebel-o em Bragança... bem que seja sempre honra para mim tratar com homens de tal nome e caracter.

O capitão-mór inclinou-se ao comprimento.

— Estou que em Bragança não soariam mal de todo as minhas palavras.

— Tambem creio. Para a maior parte de certo. Mas... Diga-me, conhece o Camões?

— O Camões! A que proposito...

— Saberá. Conhece?

— Tenho ouvido fallar n'esse nome. Filho de boa gente era... bom soldado tambem, dizem...

— E um grande poeta, accrescente.

— Poeta!

— Não desdenhe. Os poetas deixam ás vezes maximas de grande proveito.

— E deixou esse alguma?

— Muitas.

— Applicaveis ao caso?

— Milagrosamente ajustadas. Quer saber o que diz o nosso Camões... nosso lhe chamo, porque nunca houve homem mais da sua terra!... quer saber?

— Se quero! Basta isso para me afiar a curiosidade.

— Diz... não me lembra em que strophe...

.... Tambem nos portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

O capitão-mór ficou alguns instantes pensativo.

— E verdade — retorquiu — Houve... e ha... algumas vezes. Ainda mal! E, com effeito, necessidade prevenir, e não entrar em nenhuma coisa de leve... principalmente n'estas.

— Estimo ouvir-lhe isso: é de pessoa ajuizada e circumspecta.

— Para que servem os annos? Percebo a razão d'estas precauções, que... digo com lisura... já me iam parecendo demasiadas, mas tambem me acautelo... Percebo a maxima... sentença, direi... do tal Camões, que era homem de experiencia e de tino, vejo.

— Apesar de poeta?

— Apesar de poeta — repetiu candidamente o capitão-mór, sem reparar no sorriso ironico do jurisconsulto — Mas percebo tambem outra cousa...

— Que cousa?

— Que v. ex.ª é já... Como hei de dizer?

— Diga sem rodeios; é o melhor.

— Sem rodeios... percebo que é meu cumplice.

— Por que? — tornou aqui a interromper o general, incitando evidentemente as confidencias com a feição prazenteira que dava ao dialogo.

— Porque protege com a sua prudencia os nossos projectos. Não é entrar n'elles?

— Bem concluido, por minha vida! Doutor, não o faria melhor, e consta-me já que é um novo Bartholo.

— Pelo que me toca — respondeu este modestamente. — illudiram v. ex.ª, ou exaggera a sua cortezia. Pelo que respeita ao sr. capitão-mór, sou da mesma opinião: não o faria melhor... ninguem!

— Vejam, — proseguiu Sepulveda — vejam que sagacidade dá o enthusiasmo de um grande e nobre sentimento!

Podia o applauso ter um lado pouco lisongeiro. Não atinaria com elle o fidalgo, em quem a preconisada perspicacia não era um vicio chronico. Percebeu-o porem o doutor, como versado nas distincções, e julgando-se humilhado na pessoa do futuro sogro, acudiu-lhe a proposito, ponderando:

— Aqui não é para admirar!

— Nem eu quero tal dizer — atalhou promptamente o veterano, sufficientemente complicado de cortezão — Nenhuma agudeza é para admirar em quem tem de casa o exemplo das melhores prendas. Maravilha, comtudo, que um genio sincero, mais propenso á franqueza do que aos artificios... como eu sei que é o senhor capitão-mór... assim de repente, de inspiração, a bem dizer, adivinhe todas as subtilezas, como um consummado diplomatico.

O doutor curvou a cabeça, admirando a destreza e acceitando a lição.

Ufano e confuso ao mesmo tempo, o fidalgo de Val-de-mil, replicou em tom de ardente convencimento:

— Uma só coisa adivinhei!... Adivinhei que v. ex.ª é um coração generoso, um verdadeiro portuguez, um fiel servidor dos nossos reis, um leal amigo da sua patria.

— Servidor dos meus reis, amigo da minha patria sou, não se engana.

— N'isso confiei, quando puz os olhos em Bragança. Já nos conhecemos bastante, penso.

— Agora conhecemos.

— Vamos pois direitos ao alvo.

— Sei que não costuma erral-o.

— Estive em Lisboa, general. Fui alli por... Pouco importa... estive. O que lá vi encheu-me de horror e cobriu-me de vergonha. Não tive, desde então, socego nem descanço. Não se me tirava da cabeça um fito... e mal posso já dizer se era da cabeça ou do coração. Só, que podia eu? Corri á provincia. Por toda a parte as disposições são as mesmas. A indignação não póde ser mais geral... e a resolução tambem. Tenho consultado, indagado, concertado... Está tudo prestes. Só nos falta o chefe, porque a empreza é grave... um homem de experiencia e auctoridade. Eu e os meus amigos...

— Todos nós — interrompeu o morgado Mariz, como para dar maior peso á proposta eminente.

— Todos, assim é — continuou o capitão-mór — todos pensámos...

— Que podia ser eu o chefe? — acudiu Sepulveda.

— Justamente.

— Honra-me a escolha. Digo-lhe mais, enche-me de jubilo; mas...

— Mas? — atalharam anciosamente os circunstantes, rodeando o veterano.

— Mas recuso — respondeu elle com firmeza.

— V. ex.ª recusa!

— Recuso.

— Sabe o que o reino padece? Sabe em que desesperação estão os povos? Sabe que vileza e que desar é para esta nação...

— Sei tudo. Fiz mais; previ-o.

— E recusa salvar a nossa terra?

— Entendamo-nos: recuso deital-a a perder de todo.

— Que nos falta? — observou Mariz, amigo do general, que por isso contava com elle, e esperava pouco tal negativa. — Temos vontade, temos homens...

— E não faltará dinheiro — acudiu nobremente o fidalgo de Val-de-mil — Pela minha parte, empenharei quanto tenho, se for preciso. Concorda, doutor?

— Não offereci eu já tambem o meu patrimonio?

— Ha muitos no mesmo caso. Antes sacrificar tudo á patria, do que entregal-o aos estrangeiros. O que meus avós me deixaram receberam-n'o dos seus soberanos. Cumpro o meu dever. E uma restituição. Com homens e dinheiro, ouvi sempre dizer que se fazia a guerra. Julga ainda v. ex.ª que não será bastante?

— Julgo. Perguntam-me o que falta? Falta o melhor, a occasião.

— Pois hemos de tolerar...
— Não. Quem diz isso?
— O que nos cumpre então fazer?
— Esperar.
— Que o inimigo se faça de todo senhor?
— Senhor é já, e isso o ha de enfraquecer. Não terão de esperar muito, asseguro-lhes.
— Quem sabe se temos esperado de mais! — murmurou o capitão-mór, fogoso apesar da edade.
— Sou um veterano de 1762, não o ignoram. Na eschola do conde de Lippe aprendia-se. Tiveram já fé em mim, não?
— E temos ainda, ponderou apressadamente Mariz.
— Tiveram seguramente, porque, se não tivessem, não viriam propor-me aqui uma revolução...
— Uma restauração — ponderou o doutor como causidico.
— É o mesmo — tornou o general sorrindo — Não sobra o tempo para argumentar palavras... Como dizia, tiveram fé. Ouçam-me então. Falla-lhes a mesma experiencia a que recorriam. Se fizermos uma revolução ou uma restauração... um grande transtorno e alteração de coisas em fim... entraremos em campanha.
— Naturalmente — acudiu o capitão-mór desejoso de provar a sua competencia no officio — Já o antevi e preveni.
— Bem — continuou o general fitando o interruptor — E que forças temos?
— Da provincia, só na gente da ordenança, mais de mil espingardas... e podem chegar ao dobro em pouco tempo... Verifiquei tudo com os meus olhos!... Homens doze mil... quinze mil... quantos se quizerem...
— Para sacrificar inutilmente! — ponderou com severidade o general.

Depois de breve pausa, e de meditação não interrompida, Sepulveda continuou:

— Sabe v. s.ª o que os francezes tem em frente das suas mil espingardas e dos seus doze mil homens, a bem dizer desarmados? Tem sete mil hespanhoes no Porto, cinco mil no Alemtejo, quatro mil á mão nos arredores de Lisboa... ao todo dezeseis mil. Tem mais dez mil dos seus na capital, e dezoito ou vinte mil em boas posições militares, bem escolhidas e acauteladas. Tem as praças de Elvas, Almeida, Abrantes, Santarem, Extremoz, Peniche e Faro. Tem os fortes de Lippe, Santa Luzia e Ericeira, as torres e o castello de Palmella. Tem consideraveis forças concentradas em Setubal, em Aldêa Gallega, e em Thomar. Tem finalmente as suas divisões organisadas, providas e refeitas, a cavallaria remontada, e não pouca artilheria. Parece-lhe possivel, sr. capitão-mór, conseguir alguma coisa contra um exercito de mais de cincoenta mil homens, postado em locaes acertadamente estudados, prompto a mover-se á primeira voz, com as suas communicações cobertas, bem defendido do lado do mar, que é para elle o maior perigo, e já agora animado e bem disposto por esta conquista sem trabalho?
— Conquista!
— Pois que?
— Mas o resto do reino?
— O resto do reino como se ha de mover, se está mettido n'uma rede de bayonetas?
— Não estamos nós!
— Justamente. Para que havemos de então chamar os oppressores? Ahi tem o motivo da minha recusa. Viu em Lisboa a bandeira franceza no logar das sagradas quinas, não é verdade, sr. capitão-mór?
— Disse-o já... vi. E n'esse dia quizera ter cegado!
— Em Bragança e por todas estas comarcas as quinas estão ainda onde devem estar. Quer que vamos pôr em seu logar as aguias?
— Oh! isso...
— Pois isso fariamos, se chamassemos para aqui a attenção... que felizmente não dá por nós.

O capitão-mór, o morgado Mariz e o doutor inclinaram as frontes carregadas de reflexões.

— Supponham-se agora no meu caso — continuou o veterano, erguendo-se com vivacidade e fallando com vehemencia — Imaginem a seu cargo uma provincia que os acontecimentos deixaram fóra do turbilhão. Que fariam da auctoridade confiada ás suas mãos pelo principe legitimo, e em suas mãos desamparada pelos intrusos? Iriam entregal-a a inimigos! Que fariam da terra? Chamariam sobre ella as calamidades! Que fariam dos povos? Envolvel-os-hiam nas tribulações de que os tem preservado a Providencia! Não, tal não fariam por certo. Não o farei eu pois tambem. Estou velho e cançado. Era tempo de me repousar... alguns annos ao menos... em quanto não chega a minha hora. N'esta edade o que se ha de já esperar? Sabem porque me conservo aqui, e tão cheio de responsabilidades? É porque os tempos correm melindrosos para o senhorio de que me fizeram depositario. E porque sob a minha guarda o deposito fica intacto, digo-o com segurança.
— E nós jurámol-o! — accrescentou Mariz commovido.
— Já vêem pois, que não posso... que não devo arriscar tal deposito... sem probabilidade, sem possibilidade sequer de resultado.

O capitão-mór escutava attentamente, tanto mais abalado das palavras de Sepulveda, quanto o seu bom senso natural previra em parte as objecções d'aquella razão esclarecida. Luctava-lhe porém ainda lá dentro a indignação, que o fizera emprehender aquelle arrojo, a lembrança do enthusiasmo que em toda a parte encontrára, e a inflexivel obstinação que nenhuma difficuldade podia domar.

Sob o influxo d'estas oppostas cogitações ponderou ao veterano:

— Assim é na verdade. Mas... por outro lado... continuando as coisas d'este modo mais dia menos dia terá a nossa provincia a mesma sorte das outras. Quando nos pozerem tambem as bayonetas aos peitos, qual será a esperança do povo, não tendo um ponto livre para começar? Mais custará ainda, muito mais. Verdade é que os hespanhoes estão no Porto; mas os hespanhoes são a bem dizer nossos irmãos, e não hão de...
— Os hespanhoes são nossos irmãos... com tanto que lhes entreguemos os bens que adquirimos e o patrimonio que grangeámos. Irmãos um tanto á feição de morgados. Com esta condição reconhecem de boa mente a irmandade.
— Pois não ficará nada aos segundos?
— Ha de ficar... um convento, ou a cruz de Malta: é o costume. Não se illudam pois. Os hespanhoes aqui ainda se consideram mais em sua casa do que os francezes, e por causa d'elles, sobre tudo, nos cumpre evitar todo o rumor, que lhe conhecem melhor os cantos. Pensa que a visinhança e a consanguinidade nol-os farão favoraveis? Mal conhece o coração humano. Quem mais o ameaça do que o parente, que lhe disputa a herança? Quem mais o avexa do que o morador que parte com a sua testada? Em quanto os hespanhoes acreditarem que vem entrar na posse dos vinculos, como lhes persuadiram, são em Portugal os mais obedientes servos de Junot.
— Teremos então de dobrar a cabeça ao jugo... a dois jugos... o de França e o de Castella?
— Tal não acontecerá.
— Mas d'onde nos ha de vir o remedio?

— D'uma força com que não conta... e faz mal!... da ambição dos proprios invasores.

— Como?

— Se as minhas informações me não enganam, para a banda de Aranjuez vão-se turvando os ares. Póde acontecer que os hespanhoes, em vez de repartirem a preza, se achem por sua vez preados. No dia em que abrirem os olhos, deixar-se-hão de acquisições fóra, pensando no perigo interno. N'esse dia se farão nossos auxiliares os que eram nossos inimigos. Então os acharemos devéras irmãos. Entendem agora? Perdendo as tropas hespanholas, Junot perde um terço das forças, e fica-lhe desguarnecido o Norte... Não será essa a opportunidade?

— E chegada a occasião — perguntou o capitão-mór — duvidará v. ex.ª acclamar e restabelecer um governo da nossa gente?

— Aqui não ha que restabelecer, bem o vêem. Chegada a occasião acclamarei em voz alta, de modo que todos ouçam distinctamente, sua alteza real o principe regente, que foi, que é, que ha de ser aqui o unico soberano. Basta-lhe esta segurança? — concluiu para o capitão-mór.

— Basta.

— E promette esperar?

— Custa... mas prometto. Só não prometto uma coisa.

— Qual?

— Parar nas diligencias.

— Nem é preciso. Prudencia porém...

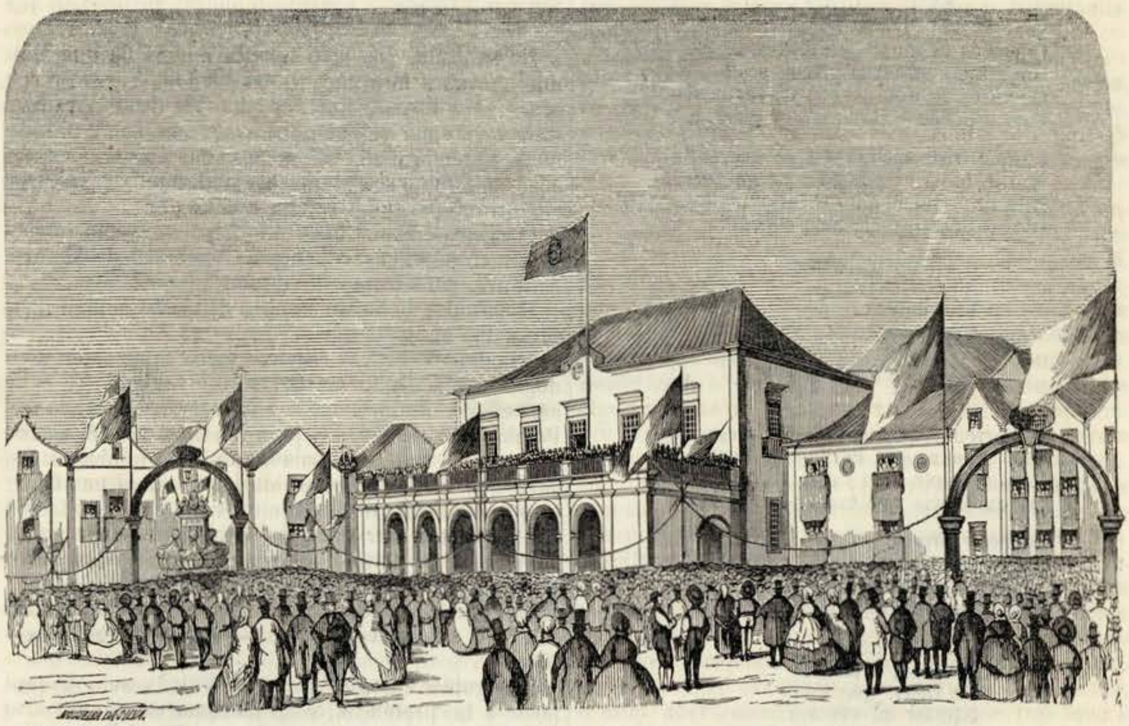
— Não nos ensina v. ex.ª com o seu grande entendimento e altos exemplos?

— Não deixará de haver lucta...

— E renhida, conto com isso.

— Importa portanto preparar forças.

— Aproveitaremos o intervallo... São mais alguns dias, paciencia!... Lá diz o dictado: «mais vale tarde que nunca!»



Paços do concelho de Setubal — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

— E «com tempo e com arte se váe a toda a parte.» Bom será não esquecer estes evangelhos da experiencia.

— Estou na edade em que nada se esquece — tornou o fidalgo de Val-de-mil — e hoje aprendi muito!

Com aquellas palavras terminou a conferencia.

N'este comenos era o Alegre apertado de perguntas pelos servos de Grandaes.

Todas as inquirições vinham dar a esta conclusão:

— Que andava o sr. capitão-mór fazendo n'aquellas correrias, que já por toda a parte constavam?

— Assim Deus salve a minha alma — respondia o couteiro com a sua costumada singeleza — como o fidalgo traz coisa na cabeça. Ha mais de vinte dias que não parâmos.

— Que traz é certo. Mas o que? Não se sabe.

— Quem diz que não sabe! O fidalgo não tem segredos. Sei eu.

— Sim!

— Diga.

— O que é?

— Vamos a ver...

Um diluvio de interrogações e um apertão em roda do Alegre.

— Cá pelas minhas contas... o fidalgo anda arranjando uma batida aos lobos.

— Para onde? Para onde? — perguntavam anciosamente uns poucos ao mesmo tempo.

— Ou para a serra da Oura, ou para a banda de Besteiros... Ha de ser coisa fallada!

MENDES LEAL JUNIOR

Onde ha vergonha e honra, não se póde affirmar senão o que se vê com os olhos, ou se ouve de dignos de fé.

D. FR. AMADOR ARRAES

MEDITAÇÃO

HOMEM, CRÊ!

Et l'espoir...... rêvant sur un tombeau,
Appuyé sur la Foi, m'ouvre un monde plus beau.

LAMARTINE

Do cetáceo gigante dos mares
Ao peixinho doirado e tingido;
Do leão do deserto africano
Até ao verme infusorio escondido;

Da aguia altiva que impune olha o sol
Ao cantor emplumado da selva;
Do metal precioso ao pó vil,
Do carvalho potente até á relva:

E fructos, e flores,
Os astros, os ceos,
A gloria, os amores;
Tudo ha feito Deus
Para um ente só
Que creou do pó!..

———

Quem és tu, habitante da terra
Onde tudo se curva a teus pés?
Quem és tu que ao ceo volves a vista
Com saudade e ternura?... quem és?

Porque triste meditas? Que queres?
Não te basta esta pompa assombrosa,
Esta luz, estas sombras, estas aguas,
Oiro e joias, saber, uma esposa?

E sempre enleiado
No seu cogitar,
Este ente, creado
P'ra tudo gozar,
Por força da sorte
Padece até a morte!...

———

E morreu!... apagou-se-lhe a chamma
Que animava seu corpo ora frio!
Não se move nem falla!... que foi?
Da existencia quebrou-se-lhe o fio!

Desce á terra o cadaver inerte:
Nunca mais volta á vida passada!
Se interrogo o sepulchro, responde—
Solidão e silencio—mais nada!

E assim morreria,
De todo, a feitura
De Deus, que sabia
Não ter cá ventura
P'ra tão nobre peito
A morte sujeito!?

———

Oh! não; que os desejos perennes na vida,
E a vaga saudade que agita a nossa alma;
Oh! não; que a poesia sublime e divina,
Terrores descridos, receios acalma.

Oh! não; que a faisca do lume celeste
Que inspira os artistas, que gera o amor;
Oh! não; que esse fogo que o martyr exhala
P'ra Deus, sua origem, terá que voltar.

———

Ergue, pois, esse rosto formoso,
Predilecto de Deus, teu Senhor;
Deixa o riso poisar-te nos labios,
E despreza infortunios e dor.

Olha o globo offuscante dos dias,
Olha o facho das noites serenas,
Olha o ceo recamado de estrellas,
Olha os montes, e as várzeas amenas.

Olha o mar, lago immenso de anil,
Que soluça na praia arenosa,
E que ruge espumante e tremendo
Se o revolve a borrasca horrorosa.

Olha as flores que enleiam os sentidos,
Olha as fontes de puro cristal,
Olha o raio que fende, que abraza
O madeiro, o rochedo, o animal.

Isso tudo, e prodigios innumeros,
Tudo é obra *d'Aquelle* que te ama,
E que, finda a missão que te coube,
A gozar paz eterna te chama.

———

Ergue, pois, essa fronte orgulhosa,
Que és o filho de forte Senhor;
E tem *fé*, que outra patria te aguarda;
Cobra *esp'rança* da morte na dor.

L. DA COSTA PEREIRA.

———

REINADO DE D. AFFONSO VI

(Fragmentos)

PRELIMINARES PARA A ANNULLAÇÃO DO REI

(Vid. pag. 278)

No sabbado, 15, teve o rei a noticia de que Manuel Antunes fôra encontrado em Villa Viçosa, e regressava a Lisboa. Em pessoa o foi dizer á rainha na occasião em que ella jantava, como boa e grande nova. Quando d'alli voltou aos seus aposentos disse aos seus, que o secretario de estado tambem voltaria em breve, porque a rainha o consentia.

O principe soube logo tudo isto, e expediu immediatamente ordens e gente ao encontro de Manuel Antunes, para o impedir de entrar em Lisboa.

O marquez de Sande recebeu de Castel-melhor uma carta que rezava assim:

«Senhor meu. Uns caseiros meus se resolveram a negarem-me o que me devem, alevantando-se para este effeito. Pareceu-me ir aquietal-os, chegando até Pombal. Sirva-se v. s.ª, para me fazer mercê, de representar á rainha nossa senhora esta minha razão, para que S. M. seja servida havel-o assi por bem; e, quando S. M. o não queira, com a mesma facilidade com que fui tornarei, deixando perder tudo. Espero que v. s.ª me faça esta diligencia com aquelle affecto e amor que lhe mereço. Deus guarde a v. s.ª muitos annos. Capuchos de Torres a 15 d'outubro 1667. A. c. captivo de v. s.ª — *Conde de Castel-melhor.*»

A seguinte carta do padre de Villes serviu de resposta a tal pretenção, e ao marquez de Sande.

«Monsieur. Sur ce que v. e. a fait voir a la reine de la lettre que vous a ecrite mr. le comte de Castel-melhor, pour faire approuver a s. m. son eloignement du lieu ou il était, à celui de Pombal, ou il est presentement; s. m. m'a commandé de vous dire qu'elle ne voit pas pourquoi il demande cela, et qu'il lui semble qu'il n'a pas besoin de sa permission ni de son approbation pour s'eloigner autant qu'il voudra, et aller vaquer à ses affaires domestiques. C'est precisement, et mot à mot ce que s. m. a voulu que je repondisse de sa part a v. e., de qui je suis et serai toute ma vie, etc. 19 octobre 1667. *De Villes.*»

No domingo, 16, não houve occurrencia notavel. Antes d'amanhecer partiu Castel-melhor para Pombal, sem esperar resposta do marquez de Sande, nem a permissão que á rainha pedira.

Na segunda feira, 17, um despacho de Francisco de Mello, ácerca da composição de Portugal com a Hollanda, fez reunir o conselho. Nem o rei nem a rainha assistiram, e nenhuma resolução se tomou n'elle, porque o marquez de Sande tambem não comparecêra. Havia dias que não ia ao paço por causa da má cara que o rei lhe mostrára. Era ainda um

golpe de Castel-melhor, que se persuadira que fôra o marquez que com finura e malicia fizera chegar ao conhecimento da rainha o decreto, que foi causa de se expulsar outra vez o secretario d'estado.

Affonso VI mostrava grande desprazer de o obrigarem a applicar-se aos negocios publicos. Queixando-se a D. Pedro d'Almeida, dizendo que aquillo não podia durar, porque o mataria, observou-lhe este:

— «E, porque não descança V. M. encarregando a alguem o dar as audiencias, receber as petições e papeis para lh'os apresentar depois?»

— «Desejo isso, (respondeu o rei) e ponho os olhos no conde de S. João, que é bravo e resoluto, e impedirá os outros de fallarem.»

— «Mas, senhor, o conde de S. João é sem duvida bravo e tem merito, mas este merito é mais para a guerra e para a campanha, que para os negocios e para o gabinete: é joven e sem a menor experiencia de papeis, e outras cousas que taes: faria mesmo falta na fronteira onde serve bem.»

O rei pareceu attender estas razões, mas sem deixar de mostrar grande inclinação a chamar o mesmo conde. Fallou tambem no marquez de Gouvêa, escolha que D. Pedro d'Almeida louvou, de modo que o rei pareceu fixar-se n'ella.

O mesmo D. Pedro d'Almeida, mostrando-se obsequioso com o marquez, communicou-lhe no dia 18, o que se passára n'esta conferencia, para que pensasse n'isso, e aproveitasse a occasião.

— «E a pobreza e desordem em que se vê o estado? (observava o de Gouvêa) e a difficuldade de fazer coisa boa? e a certeza de concitar invejas? e o odio publico na desconfiança? e o temor em que está todo o reino de um governo do modo e fórma do precedente? Seria muito mais vantajoso para o rei e para todo o mundo que S. M. se désse a algum trabalho, e olhasse por si mesmo para os negocios. Se porém el-rei se não resolver a isso, fecharei olhos a tudo e farei a regia vontade, logo que o principe e a rainha tambem consintam.»

Informado de tudo pelo mesmo Almeida, fez o infante communicar ao confessor da rainha os seus sentimentos a tal respeito. Desejava saber quaes eram os da rainha, e que obrassem d'accôrdo.

A saude do confessor não lhe permittia sair. Assim, na quarta feira, 19, dirigiu á soberana uma carta em francez cuja traducção é a seguinte:

«Quando hontem á noite voltei do paço, o meu hospede me communicou, por ordem expressa do principe, uma novidade para a levar esta manhã com a maior diligencia ao conhecimento de V. M., porque se não surprehenda, quando o marquez de Gouvêa lhe for fallar, como irá hoje, antes ou depois do meio dia. Eis o caso. Estando o meu companheiro em casa de mr. de la Coste [1] com o conde da Torre, e Pedro Fernandes Monteiro, entre todos foi exposto que havia noticia certa, por intermedio de Pedro d'Almeida, pequeno valido do rei, e tambem por um criado do paço chamado Monteiro, que o mesmo rei resolvêra e queria absolutamente fazer escrivão da puridade, e pôr no logar do conde de Castel-melhor, ou o marquez de Gouvêa, ou o conde de S. João. Primeiro déra esse gosto e essa esperança ao marquez, mas depois pelas boas recommendações de Castel-melhor, ha muito tempo, como é sabido, reconciliado com o conde de S. João, inclina-se e quer, tanto quanto póde, ao segundo, porque, diz, o primeiro é molle, e um pouco estupido, e o segundo, bravo e generoso, não deixará fallar o mundo. Entretanto o marquez de Gouvêa ignora a inclinação do rei ao conde de S. João, e porque se fia nas primeiras palavras que o rei lhe disse, crê que brevemente deve ir occupar aquelle logar, e por isso deve procurar hoje S. M. e depois o principe.

«A opinião do principe, conforme o parecer unanime dos tres, que ácerca d'isso consultou, é:

«1.º Que isto é um artificio manifesto do conde de Castel-melhor, para conservar o logar, pondo-o nas mãos d'um d'aquelles dois homens, com os quaes deve infallivelmente estar d'accôrdo.

«2.º Que ainda que elle principe deve esperar tudo do conde de S. João, porque é seu camarista, e amigo intimo do conde da Torre, entretanto não o devia preferir a qualquer outro, porque um e outro seriam instrumentos do conde de Castel-melhor que os quer introduzir, e lançaria por terra todos os bons designios que havia para a reforma do governo, e sua entrega á rainha e ao principe, que seriam, como já foram, mais ou menos mas sempre dependentes de quem com plenos poderes succedesse ao conde de Castel-melhor.

«3.º Que é preciso, quanto ser possa, impedir a execução d'este designio como mui prejudicial ao bem publico, e aos interesses communs e particulares da rainha e do principe.

«Aqui está o seu primeiro pensamento.

«Depois d'isto deseja o principe que a rainha, estando ao facto do que se premedita, prepare resposta para quando o marquez de Gouvêa lhe for fallar; e lhe faça saber a resposta que S. M. quer que S. A. dê ao mesmo marquez.

«Prometti ao meu hospede, que esta manhã communicaria a S. M. quanto elle me dizia da parte de S. A., mas que não me parecia dever S. M. dictar ao principe o que elle devia responder, porque, além do mais, já elle está determinado a dizer ao marquez que não soffrerá nunca, que nenhuma pessoa, que não seja a rainha, governe immediatamente com o rei; e se SS. MM. lhe quizerem dar alguma parte no governo, elle se contentará sempre com a que lhe quizerem dar, contentando-se mesmo de não ter nenhuma se assim o julgarem, com tanto que os povos tenham a consolação de se verem governados pelos seus legitimos senhores, e não por outros, que não supportarão mais.

«Quanto á resposta que S. M. deve dar ao marquez, disse eu, que ella dependia totalmente da prudencia de S. M., que em tudo o que faz sempre falla e obra como um anjo: que S. M., segundo eu pensava, não podia nem devia suppor firme a resolução do rei, declarada pelo marquez de Gouvêa, e dizer abertamente e com a liberdade com que o principe o podia fazer, que não approvava tal maneira de governo, porque parecêra que o fazia para o haver a si, contra todas as intenções do rei, que assaz se tem declarado segundo as inspirações do conde de Castel-melhor; mas que S. M., sem se declarar d'outro modo, podia dizer ao marquez:

«1.º Que se tal logar devesse ser provido n'alguma pessoa, nenhuma mais que a d'elle considerava digna de o occupar, já pela estima que professava pela sua probidade e bom proceder, já pela confiança que tinha, que elle se não haveria com ella como o conde de Castel-melhor.

«2.º Que tendo o conde, antes da sua partida, dito a todo o mundo e escripto depois, que era conveniente acabar com o cargo de escrivão da puridade, pedindo a S. M. que sollicitasse isto junto ao rei, ella julgava agora coisa mui perigosa e mui odiosa para elle marquez de Gouvêa querer acceital-o, e governar immediatamente, como o conde de Castel-melhor fizera.

«3.º Que ainda que por si nunca pretendesse governar, como falsamente o conde de Castel-melhor fizera persuadir ao rei, nem ainda pretendia senão o que el-rei lhe quizesse dar; entretanto, não po-

[1] O principe: pseudonimo usado entre os do seu partido.

dendo ignorar que não só o conselho, mas tambem a nobreza e o povo, queriam que ella ajudasse o rei a governar com o seu conselho, não sabia elle como se receberia no publico o que o marquez lhe communicava, e se o principe, para quem se olhava para o mesmo fim, ficaria contente, e não haveria novas bulhas.

«4.º Que se o rei, pelos bons conselhos que ella acreditava lhe dariam, quizesse dar-se ao incommodo de governar por si mesmo, e de se servir dos seus conselheiros e d'ella, nada pouparia para o alliviar, e quereria servir-se d'elle marquez de Gouvêa mais immediatamente, e com mais confiança que de nenhum outro, para lhe dar todo o apoio de que elle necessitasse além do do rei.

«S. M., que em todas as coisas vê mais claramente e mais ao longe, que todos aquelles de quem podéra tomar conselho, verá o que se deve fazer, melhor que um ignorante como eu lhe podéra suggerir com todo o meu zêlo.

«Esquecia-me dizer que mui bem se notou hontem á noite, na conferencia em casa do principe, que se se fosse obrigado escolher um dos dois propostos, seria melhor o marquez de Gouvêa que o conde de S. João, porque além do conhecimento intimo e particular que tem de toda a intelligencia e união feita entre mr. Martin [1] e mr. de la Coste, e a gente de um e d'outro, lhes daria n'este cargo muitas vantagens, que o outro não póde dar.

«Crê-se, porém, que nem um nem outro podem alcançar o fim, e dizem estar bem resolvidos a lh'o impedirem, apressando por isso a convocação dos Tres-Estados. A rainha, entretanto, me fará, se for do seu agrado, saber o que é de vontade de S. M. que eu responda ao principe, tanto ácerca da resposta que dará ao marquez de Gouvêa, como do que deseja que o principe diga e faça, pela sua parte, ao mesmo marquez.

«Pareceu-me bom que o meu companheiro, que expressamente envio a S. M., já que não posso ir eu proprio, por causa do uso de remedios em que estou, na passagem levasse esta carta a mr. de Verjus, para que, a respeito d'ella, elle escrevesse a S. M. a sua opinião. Pois vejo o principe inteiramente resolvido a não consentir que, depois do conde de Castel-melhor, outra pessoa, que não seja a rainha, occupe aquelle cargo, a qual depois, segundo elle diz, lhe dará a pequena parte que quizer; é minha opinião que agora se lhe deve deixar representar livremente o primeiro papel. Já fui dizendo que, como por muitas razões a rainha não podia fallar ao marquez de Gouvêa com tanta força e liberdade como elle principe podia e devia fazer por causa dos proprios interesses d'ella, a elle tocava, sem por isso dar a entender nenhum motivo de intelligencia, já que o marquez assim o queria, dissuadil-o de acceitar este cargo: e, como eu ponderei que se elle o recusasse ficaria logar ao conde de S. João para o acceitar, responderam-me, que lh'o impediriam melhor que ao marquez de Gouvêa; que ainda assim valia muito mais, para todos os interesses da rainha, que o conde, que, por mais que digam, seria não só mais util, mas mais agradavel ao principe e á sua gente, do que o outro.

«Tambem envio a S. M. copia da carta que escrevo ao marquez de Sande, sobre a residencia no Pombal, a fim de que, se S. M. a approvar, mr. de Verjus, a quem a mandei esta manhã, a expessa.

«Peço mil perdões a S. M. por lhe escrever uma carta tão grande e tão mal digerida, esperando da sua bondade me desculpe, pelo meu zêlo e estado em que sabe que estou hoje. — Outubro 19 — 1667.»

[1] A rainha: pseudonimo usado entre os do seu partido.

(Continúa) JOSÉ DE TORRES

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

GALLICISMOS ESCUSADOS

Um assignante d'este jornal, que diz prezar-se de fazer toda a diligencia por escrever o portuguez sem mancha de gallicismos escusados, nos manifesta o desejo de que quando apontarmos esses taes gallicismos escusados, e portanto reprehensiveis, tomemos tambem o trabalho de transcrever o exemplo do auctor classico, onde venha o vocabulo ou phrase equivalente, para inspirar maior confiança aos principiantes.

Ora isto mesmo é que nós temos feito, sempre, n'estes breves estudos da lingua materna. E apenas o artigo a pag. 256 do num. 32, em que tratámos do substantivo *detalhe* e seus derivados, como gallicismos escusados, não trouxe exemplos, porque foi necessario fazer-lhe um côrte quando se compaginou, para poder entrar a estampa com que fecha esse numero.

Mas hoje deferindo ao requerimento do nosso estudioso assignante, poremos aqui os exemplos que então se omittiram.

No citado numero apontámos todos os equivalentes que temos em portuguez, para escusarmos os gallicismos *detalhe*, *detalhar*, *detalhado*, *detalhadamente*, *em detalhe* etc.; e os exemplos que ora nos occorre são os seguintes:

Assim o refere, com todos os seus *pormenores* (gal. *detalhes*) o *Vitas Patrum*. — *Padre Manuel Bernardes*.

Quem mais *por menor* (gal. *detalhadamente*) quizer saber o caso, leia a chronica da nossa ordem. — *Fr. Luiz de Sousa*.

Não posso encarecer a v. s. quanto estimei a relação *por menor* (gal. *detalhada*) do exercito. — *Padre Antonio Vieira*.

Esperam-se as *particularidades* (gal. *os detalhes*) da batalha no correio seguinte. — *O mesmo classico*.

Se houvermos de escrever *por menor* (gal. *em detalhe*) as particularidades (do que tem Portugal) era processo largo. — *Jorge Cardoso*.

Parece-nos que todas estas citações são sufficientes, para sentenciarmos que taes gallicismos são escusados, porque temos palavras equivalentes, mais proprias e communs, para nos exprimirmos em bom portuguez.

Na linguagem militar é que legitimamente se admittiu o *detalhe* e *detalhar*, pelas razões já dadas por D. Francisco de S. Luiz.

CHARADA

Co'as minhas primeiras duas,
D'onde uma crença é formada,
Contra a fé, a cruz e a espada,
Vibro o alfange e as meias luas.

Depois com as duas segundas
Cruz e fé adoro e exalto,
E abençôo do mais alto
As miserias mais profundas.

Com as quatro um todo abraço,
Vulgar hoje, outr'ora ingente,
Que foi christão pela mente,
Que foi pagão pelo braço.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.